

Santa Maria, Mãe dos Homens

Difusão do culto pela imagem: arte e iconografia¹

SANDRA COSTA SALDANHA

Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

Devoção surgida no convento de Santa Maria de Jesus em Xabregas, o principal impulso na propagação do culto de Santa Maria Mãe dos Homens coube ao franciscano Fr. João de Nossa Senhora. Figura pitoresca da Lisboa joanina, conhecido como o “poeta de Xabregas”, percorria as ruas da capital com uma imagem da Virgem na mão, a que chamava “a Pequenina”. Missão a que dedicou todos os esforços durante 16 anos, lembrava que Maria, além de Mãe de Deus, é também Mãe de todos os homens. Apelidado assim de “Pregador Mariano”, por ser esse o assunto de todos os seus sermões, “chegou mesmo a ser fanatismo”, no dizer do seu biógrafo, Fr. Jerónimo de Belém.

Desejando uma maior difusão do culto, idealiza uma imagem para veneração dos fiéis e promove o estabelecimento da respectiva capela. História que se encontra minuciosamente descrita num extenso códice da Biblioteca Nacional², tal manuscrito constitui, na verdade, um interessantíssimo relato diário de todo o processo de encomenda e instituição da mencionada capela. Descrevendo ainda a vida do fundador, culto e milagres de Nossa Senhora Mãe dos Homens, sintetiza um manancial inédito de informação, respeitante a dez anos da história quotidiana da cidade de Lisboa, entre 1743 e 1753.

Documento que viria a servir de base à redacção da biografia impressa de Fr. João de Nossa Senhora - *Pregador Mariano, instruindo na vida, e desenganando na morte* - constitui a principal fonte das informações que de seguida se apresentam³.

Berardo Pereira Pegado, *Fr. João de Nossa Senhora*, 1758 (ass. e dat.)
Biblioteca Nacional de Portugal | Foto BNP





Em cima: Nossa Senhora Mãe dos Homens, 2ª metade séc. XVIII. Igreja de S. João Baptista, Pedróvão | Foto Joana Ferrari

Na página seguinte: Nossa Senhora Mãe dos Homens, 2ª metade séc. XVIII. Col. particular | Foto Palácio do Correio Velho

ENCOMENDA DA IMAGEM E INSTITUIÇÃO DA CAPELA

Para a concretização do seu desígnio, começa Fr. João por encomendar a imagem da Virgem. Dirigindo-se para tal ao Vale de Chelas, encarrega o escultor António Ferreira, o célebre “Ferreirinha”, de realizar uma imagem da Senhora com seis palmos. Afamado pelo seu trabalho em barro e “insigne figurista”, recusa a tarefa, por considerar as dimensões excessivas para uma peça em barro. Aconselha assim Fr. João a encomendar uma imagem em madeira, para o que lhe indica o nome de José de Almeida, escultor de fama, no seu dizer, conhecido pelo “Romano”. Artista de talento reconhecido, com efeito, regressado de Roma em 1728, onde havia sido discípulo de Carlo Monaldi, na Academia de Portugal, é então procurado por Fr. João a 1 de Outubro de 1742.

Ajustada a execução da obra, em madeira de cedro com oito palmos de altura, cobraria o escultor um total de 610 \$000 réis (pela imagem, dois anjos, oito serafins e trono), pagos pelo prior de S. Nicolau, por ordem de D. João V^o. O modelo seria entregue às religiosas do convento do Salvador, em Lisboa; a “Senhora Pequenininha”, oferecida à rainha.

Empenhado agora na edificação de uma capela, onde pudesse apresentar a imagem à veneração dos fiéis, o frade de Xabregas contaria, de igual modo, com o contributo directo dos monarcas, dos quais recebe avultadas somas ao longo dos anos⁵.

Porém, não possuindo ainda a quantia necessária, considerou que a poderia obter através das suas pregações. Definindo que com as esmolas edificaria a capela, obtém do patriarca licença para iniciar um peditório por toda a cidade, com indulgência para quem assistisse. Eram assim anunciados os célebres “sermões das esmolas”, particularmente concorridos, que Fr. João pregou durante todo o ano de 1743.

Acompanhado da pequena imagem de Santa Maria – a “Senhora Pequenininha” –, com a qual percorria as ruas da cidade, assim o retrata Bernardo Pereira Pegado em 1758, ano da sua morte⁶.

São diversos os detalhes fornecidos pelo seu biógrafo, nestas andanças por Lisboa, em busca de seguidores, sempre “acompanhado d’uma chusma de povoreo, cantarolando e entoando hymnos à Virgem”. Porém, se muitos o ouviam com atenção, outros lhe dirigiam difamações e insultos.

Para lhe “moderar os entusiasmos mysticos” o guardião do convento e o superior da província nomeiam-lhe um director espiritual, que o proibirá de andar com a imagem da Virgem, consentindo apenas que a trouxesse pintada no relicário. Assim percorria Fr. João as ruas da cidade, segurando uma espécie de relicário com a imagem da Virgem na mão.

Definida a fundação da capela na igreja do convento, foram várias as contrariedades enfrentadas, nomeadamente com os proprietários e padroeiros dos locais designados. Ora considerando a desadequação da obra, ora discordando das propostas apresentadas, a instalação acabaria por se alongar mais do que o previsto.

Processo que decorreu ao longo do ano de 1743, logo depois de encomendada a escultura a José de Almeida, teria como protagonista o entalhador Santos Pacheco, que ali se desloca repetidas vezes, tendo em vista a intervenção necessária à montagem da estrutura. Fazendo e refazendo o risco da nova capela, que começou por estar destinada à capela-mor da igreja e chegaria a ser ponderada para o exterior do templo, as diversas alterações apresentadas chegariam mesmo a ser refutadas pelos arquitectos da Ordem e pelo prelado do convento, que acusaria Fr. João de querer “arruinar a igreja”.

Serenadas as controvérsias e avultando já as esmolas, é fixada a sua localização no final de 1743, na capela de Santo António. Local onde, pela primeira vez, Fr. João tivera a inspiração de pregar à Senhora Mãe dos Homens, convertia-se assim numa rica capela entalhada, da autoria de Santos Pacheco, sem “exceder o risco e preceitos da antiga, para que em tudo ficasse a Senhora mais venerada, e sem controvérsias”.

Concluída entretanto a imagem, cuja feitura fora, aliás, fiscalizada de perto pelo citado entalhador, seria benzida na Igreja Patriarcal, a 11 de Janeiro de 1744, com assistência do monarca. Em procissão solene, acompanhada pelos terços da Corte, soldados da guarda real e um “infinito povo”, foi colocada interinamente na capela-mor de Xabregas, onde se manteve até à conclusão do local destinado.

Ultimada a capela, em Maio de 1747, a imagem seria então trasladada, e a talha dourada no ano seguinte, a expensas de António Rebelo Leite. Irmão da Ordem Terceira, recolhido no convento de Xabregas, teria, como veremos, um papel fulcral na difusão desta obra.





Efigies de N. S.ª Mãe dos Homens q. se venera na Parochial Igreja da Conseqissam da Rua Nova de Lisboa.

Joaquim Manuel da Rocha [J.M.R.], *Efigies de N. S.ª Mãe dos Homens q. se venera na Parochial Igreja da Conseqissam da Rua Nova de Lisboa*. Biblioteca Pública de Évora | Foto Nuno Saldanha

Com o terramoto de 1755 é quase total a ruína do convento, segundo atestam as *Memórias Paroquiais*. Demolido em 1757, por questões de segurança, a Senhora Mãe dos Homens seria colocada na igreja provisória, instalada pela comunidade na casa da enfermaria. Apesar de sobreviver à catástrofe, perde-se-lhe o rasto em 1834, na sequência da extinção das ordens religiosas⁷.

DIFUSÃO E FIXAÇÃO ICONOGRÁFICA DO TEMA

Para a definição da iconografia de Nossa Senhora Mãe dos Homens foi, sem dúvida, fundamental o papel exercido por Fr. João de Nossa Senhora. Desejando a difusão do culto, é com efeito este frade franciscano quem define o modelo para a nova representação, idealizando uma imagem de Nossa Senhora com a mão direita erguida, em atitude de abençoar, e o Menino, sobre o braço esquerdo, apontando para a Mãe. Com uma iconografia raramente identificada, a partir de meados do século XVIII, particularizam-na, de facto, estas exactas directrizes, fornecidas por Fr. João a José de Almeida.

Nascida da particular devoção do seu patrono, a representação fixada, depressa se converte em modelo referencial por todo o país e Brasil⁸. Com efeito, informa ainda Jerónimo de Belém que, “para mais inflammar os fieis na devoção da Senhora”, terá mandado imprimir diversas estampas, com indulgências concedidas pelo patriarca, que repartia pelos que o acompanhavam⁹. A partir de 1748, o já referido António Rebelo Leite, seria ainda responsável pela feitura de algumas imagens, distribuídas pelos conventos e mosteiros da província.

Com efeito, na segunda metade de Setecentos, acompanhando a difusão do culto e proliferação das respectivas capelas um pouco por todo o país, são numerosas as figurações da Senhora Mãe dos Homens. Atestando o prestígio de que gozaria a escultura de José de Almeida, é significativo o conjunto de obras que nela se filiam. Destaque, entre essas, para os exemplos particularmente concentradas nas regiões de Lisboa e Santarém.

Peças desaparecidas na sua grande maioria, em alguns casos deslocadas do contexto original, os arrolamentos elaborados na sequência da Lei da Separação de 1911 constituem, por norma, a sua última notícia conhecida. Por outro lado, a frequente ausência de identificação do tema, faz com que muitas permaneçam no “anonimato”, confundidas com a figuração de *Nossa Senhora com o Menino*.

No caso de Lisboa, a notícia de uma primeira representação (na sua configuração Moderna), data de 1750, com a chegada de uma pintura de *Nossa Senhora Mãe dos Homens* à igreja paroquial do Sacramento, onde Fr. João de Nossa Senhora havia pregado à morte de D. João V.

Um interessante caso documentado, mas de paradeiro também desconhecido, é o da imagem da irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na igreja da Conceição Nova em Lisboa. Templo entretanto desaparecido, era seu reitor em 1758 Braz José Rebelo Leite¹⁰. Por certo familiar do já mencionado António Rebelo Leite, atesta a existência da imagem uma interessante gravura assinada por Joaquim Manuel da Rocha¹¹.

Irmandade que se encontrava também sedeada na igreja de Santo Estêvão de Alfama, segundo as *Memórias Paroquiais*, conservava este templo uma pequena imagem em madeira “da Senhora May dos homens” no altar da Senhora da Consolação. Obra que Gonzaga Pereira descrevia em 1833, como a “melhor” daquela igreja, seria ainda mencionada no inventário da irmandade do Santíssimo Sacramento, em 1913, no âmbito da Lei da Separação¹².

Mas também fora da capital proliferaram imagens semelhantes, com destaque para algumas existentes na diocese de Santarém. Entre essas, particular menção deve ser feita à pequena escultura destinada à igreja do convento de Santa Clara. Encomendada pela Superiora Eugénia Viterbo, ao já citado António Rebelo Leite¹³, é interessante verificar o pedido expresso para que fosse concretizada à semelhança da imagem de Xabregas. Chegada a Santarém a 19 de Setembro de 1749, seria intitulada pelas preladadas de “Mãe das Freiras” (Matoso, 1749)¹⁴.

Pese embora o estado ainda embrionário da presente investigação, mormente na catalogação desta invocação mariana, afigura-se este como um caso muito interessante de patronato artístico, em que a força da imagem se revela fulcral para a difusão do culto. É, com efeito, este frade franciscano quem, profundamente empenhado na propagação do culto da sua particular devoção, fixa e promove amplamente a sua iconografia, como o atesta a posterior produção de outras imagens e gravuras, baseadas no modelo original. ■

BIBLIOGRAFIA

BELÉM, Fr. Jeronymo de, O.F.M. (1760) - *Pregador Mariano, instruindo na vida, e desenganando na morte*. Lisboa: Edição de Miguel Manescal da Costa, 1760.

BRANCO, Manuel Bernardes (1888) - *Historia das ordens monasticas em Portugal*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1888. Vol. III.

CASTRO, João Baptista de (1763) - *Mappa de Portugal antigo, e moderno*. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763. Vol. 3.

COLEÇÃO de Todas as Noticias, e Outras Obras Politicas, Moraes, e Asceticas, Que tem sahido por occasião do sempre Memoravel Terremoto do I. de Novembro de 1755. Lisboa, 1763. Tomo VIII. Biblioteca da Ajuda, 55-V-8 a 19.

GUIMARÃES, José Ribeiro (1872) - *Summario de vária história*. Lisboa: Rolland & Semiond, 1872.

HISTÓRIA da Instituição da Capela da Mãe dos Homens. [c. 1753] Biblioteca Nacional de Portugal, Cód. 1362.

MATOSO, Luiz Montez (1749) - *Anno Noticioso e Histórico*. 1749. Biblioteca Pública de Évora, Cod. CIV/1-19 d.

NOSSA SENHORA, João de, O.F.M. - *Arco celeste, para reconciliar as almas com Deos pelas doutrinas da Virgem Maria Mãe de Deos, e mãy dos homens*. Lisboa: Domingos Gonçalves, 1758.

PEREIRA, Luís Gonzaga (1833) - *Monumentos sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1927.

PORTUGAL, Fernando (1974) - *Lisboa em 1758: memórias paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1974.

SIMÕES, J. M. dos Santos (1965) - *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

SOARES, Ernesto (1971) - *História da gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras*. Lisboa: Livraria Sarmcarlos, 1971. 2 Vols.

- O essencial do estudo que agora se publica foi apresentado na conferência “Fr. João de Nossa Senhora (1701-1758) e as encomendas ao escultor José de Almeida: patronato e mediação artística”, III Ciclo de Conferências para o Estudos dos Bens Culturais da Igreja - *Mecenas e Patronos: A Encomenda Artística e a Igreja em Portugal*, Mosteiro de S. Vicente de Fora, Lisboa, 22 de Maio de 2009.
- BNP - *História da Instituição da Capela da Mãe dos Homens*. Cód. 1362.
- Utilizando algumas das informações contidas nesta biografia impressa, mas sintetizando o seu teor, destacam-se alguns autores oitocentistas, entre os quais, José Ribeiro Guimarães (1872) e Manuel Bernardes Branco (1888).
- Anos depois, José de Almeida viria a concretizar outras obras para a mesma capela, por encomenda de Fr. João de Nossa Senhora.
- Além de várias esmolas e missas, D. João V doou ainda um sino, uma lâmpada de prata à romana “de grande valor e excelente feito”, o paramento para a festa da Senhora, de damasco branco e ouro, casula e frontais de todas as cores para as missas rezadas, assim como uma caixa de prata com as relíquias dos mártires S. Jorge e Santo Estêvão, para se incluírem no altar.
- Obra a que José Ribeiro Guimarães dedica uma longa descrição. Cf. Guimarães, 1872: 174-175.
- À falta de melhor termo de comparação, diz-nos Luís Gonzaga Pereira, descrevendo o interior da igreja da Madalena, em Lisboa, que as imagens de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de S. José e Menino Jesus, imitavam muito bem as que se encontravam em Xabregas. Cf. Pereira, 1833: 445.
- Com irmandade fundada no Rio de Janeiro em 1758, ano da morte de Fr. João, a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens encontra-se essencialmente em igrejas de finais do século XVIII, de que são exemplo: o santuário de Caraça (fundado em 1774, com imagem que terá vindo de Portugal em 1784); e as igrejas com a mesma invocação, em Porto Feliz (inaugurada em 1750) e no Rio de Janeiro (consagrada em 1784). Demonstrando a sua popularidade além-fronteiras, deve ainda destacar-se o interessante painel azulejar proveniente da igreja da Mãe dos Homens (Rio de Janeiro), hoje na Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya. Datado de 1760, constitui uma memória documental única, com representação de Fr. João de Nossa Senhora, pedindo ao Papa o título de Mãe dos Homens para a Senhora. Cf. Simões, 1965.
- No mesmo sentido, Fr. João viria a publicar a obra *Arco celeste, para reconciliar as almas com Deos pelas doutrinas da Virgem Maria Mãe de Deos, e mãy dos homens*. Lisboa: Domingos Gonçalves, 1758. A propagação do culto por esses anos é ainda clara pela proliferação de novenas e outras obras. Cf. *Coleção*, 1763. De referir ainda, quanto à encomenda de estampas, a existência de uma gravura representando Nossa Senhora Mãe dos Homens, realizada por Michel le Bouteux em 1756 (Soares, 1971: Vol. 1, N.º 384).
- Segundo Braz José Rebelo Leite, a irmandade da Senhora Mãe dos Homens, “por discórdia com a Irmandade do Santíssimo, se estabeleceu depois do terramoto na Igreja do Menino Deus”. (Portugal, 1974: 97). Todavia, em 1762 a irmandade manter-se-ia ali estabelecida, como se depreende pela descrição de Baptista de Castro (Castro, 1763: 250).
- Descrita por Soares, 1971: Vol. 2, N.º 1721.
- Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças - Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais. *Arrolamentos dos Bens Culturais*, 007/05-05-1913. Ainda em Lisboa, dois outros templos, hoje desaparecidos, terão possuído imagens da Senhora Mãe dos Homens: a ermida de S. Filipe e Santiago, com altar da mesma irmandade, administrada por “Rodrigo António de Figueiredo, que depois de a possuir, lhe ficou chamando a Ermida do Amparo” (Castro, 1763: 419); e a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens, fundada em 1749 por José Ribeiro de Oliveira no Vale do Pereiro, paróquia de Santa Isabel, cujas ruínas foram vendidas em 1856. Noutras zonas da diocese há igualmente notícia da existência de imagens com a mesma invocação. Destaque para a que se encontra ainda na capela de S. João Baptista de Ribamar (Mafra, Santo Isidoro), segundo o modelo de Xabregas; na ermida do Espírito Santo, Aldeia Grande (Torres Vedras, Maxial); na igreja de Nossa Senhora da Misericórdia de Belas; na capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Póvoa de Santa Iria (Loures).
- Não deixa de ser interessante que tal contacto se tenha feito a instâncias de Fr. Boaventura da Purificação e de seu irmão, Fr. Jerónimo de Belém, biógrafo de Fr. João de Nossa Senhora e também morador no convento de Xabregas (Matoso, 1749).
- Além desta encomenda, de referir ainda as diversas imagens de que há notícia na diocese de Santarém, nomeadamente, na região de Torres Novas: igreja de S. João Baptista (Pedrógão), capela de São Simão (Olaia) e igreja de S. Tiago (Agreireira); assim como de Tomar: capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Torre) e igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição (Paialvo). Próximo de Pedrógão, em Oleiros, é também representativa da iconografia fixada em Xabregas a imagem existente na capela Nossa Senhora Mãe dos Homens. Além das obras já referidas, devem ainda destacar-se as inúmeras notícias referentes a imagens de Nossa Senhora Mãe dos Homens por todo o país, algumas das quais desaparecidas. ALGARVE: ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Silves). BRAGA: capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Ucha, Barcelos); colegiada de Guimarães. ÉVORA: igreja de São Francisco; ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Alcorrego, Avis). PORTALEGRE-CASTELO BRANCO: igreja matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Atalaia, Gavião). PORTO: capela Nossa Senhora Mãe dos Homens (1756, Moreira, Maia); capela da Senhora Mãe dos Homens (São Cosme, Gondomar). SETÚBAL: capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens (Santiago, Pragal).